



Universidade Federal de Ouro Preto

Escola de Educação Física

Licenciatura em Educação Física



**Gordofobia na educação física escolar:
discutindo a formação de futuros
professores a partir de experiências
pregressas**

Larissa Sepúlveda Rocha Gontijo

Ouro Preto

2023

Larissa Sepúlveda Rocha Gontijo

**Gordofobia na educação física escolar:
discutindo a formação de futuros
professores a partir de experiências
pregressas**

Projeto de Conclusão de Curso, apresentado à disciplina EFD 381 – Seminário de trabalho de conclusão de curso do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para aprovação.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Ocelli Ungheri

Ouro Preto

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G641g Gontijo, Larissa Sepulveda Rocha.

Gordofobia na educação física escolar [manuscrito]: discutindo a formação de futuros professores a partir de experiências pregressas. / Larissa Sepulveda Rocha Gontijo. - 2023.
39 f.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Ocelli Ungheri.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Educação Física. Graduação em Educação Física .

1. Obesidade. 2. Preconceito de Peso. 3. Aparência Física. 4. Assédio.
5. Estudantes universitários- Educação física. I. Ungheri, Bruno Ocelli. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 796:316.6

Bibliotecário(a) Responsável: Soraya Fernanda Ferreira e Souza - SIAPE: 1.763.787



FOLHA DE APROVAÇÃO

Larissa Sepúlveda Rocha Gontijo

Gordofobia na Educação Física Escolar: discutindo a formação de futuros professores a partir de experiências progressas

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada.

Aprovada em 09 de março de 2023.

Membros da banca

Prof. Dr. Bruno Ocelli Ungheri - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Dra. Kerley dos Santos Alves - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Dra. Maria Teresa Sudário Rocha - (Faculdade Presidente Antônio Carlos)

Bruno Ocelli Ungheri, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/03/2023



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Ocelli Ungheri**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/03/2023, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0489889** e o código CRC **2170018F**.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Glaucio e Roberta por todo o apoio, principalmente, na minha vida acadêmica. É por causa de vocês que esse sonho está se tornando realidade.

Agradeço também às famílias Sepúlveda Rocha e Gontijo, em especial aos meus avós Carlos, Ighes, Antônio e Neusa, pelo suporte todos esses anos.

Ao meu namorado, Yohan, e a família Afrodite, que se tornaram lar e proteção, por todos os momentos de suporte, cuidado e acolhimento.

Ao meu orientador Bruno Ocelli, que sempre se fez presente, tornou tudo mais leve e acalmou todos os meus momentos mais desesperadores, seja com orientandanda ou como representante discente.

À Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal de Ouro Preto pela educação gratuita e de qualidade.

À toda escola de Educação Física, LAGEP, CAEFI, PRP e IFMG, pelas oportunidades de crescimento e aprendizado. Orgulho de fazer parte dessas histórias! À todos os meus amigos que me apoiaram, foram ombro amigo para todos os momentos e estiveram ao meu lado nas horas mais aflitas.

Por fim, agradeço à todos os participantes deste estudo, por terem se prontificado e disponibilizado para a coleta, e por me ajudarem a apresentar um trabalho sobre um tema que merece mais visibilidade.

“Que a força do medo que tenho
não me impeça de ver o que anseio.
Que a morte de tudo em que acredito
não me tape os ouvidos e a boca (...)
Que a minha vontade de ir embora
se transforme na calma e paz que
mereço
Que a tensão que me corrói por dentro
seja um dia recompensada (...)”
(Oswaldo Montenegro)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar quais os impactos psicológicos, sociais e profissionais da gordofobia na vida e formação de estudantes dos cursos de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto. Para tal, opta-se pela metodologia de Grupo Focal, aplicado a 2 grupos: A e B, ambos constituídos por 4 participantes que vivenciam essa discriminação desde a educação física escolar. Cada encontro foi realizado remotamente e gravado para posterior transcrição e análise das informações. Em consequência, foi possível caracterizar resultados e classificá-los em 4 macrocategorias para posterior análise a partir da literatura: (i) A percepção sobre a gordofobia e a formação de identidade; (ii) As nuances e consequências da experimentação da gordofobia durante a infância, (iii) A estigmatização do corpo gordo e (iv) A atuação como futuros profissionais. A partir dessas, foi possível compreender o silêncio sistemático e naturalização da gordofobia na sociedade, além da visão desses futuros profissionais como desfavorecidos e tratados como inferiores no meio em que vivem e trabalham, além de rotulados com uma série de estereótipos. Faz-se necessário mais estudos com essa temática, principalmente, na área da educação física, a fim de aumentar a visibilidade e o entendimento da exclusão sofrida por indivíduos fora do padrão magro esperado pela sociedade.

Palavras-chave: corpo; gordofobia; educação física escolar; obesidade; padrão de beleza.

ABSTRACT

This study aims to analyze the psychological, social and professional impacts of fatphobia in the life and training of Physical Education students at the Federal University of Ouro Preto. To do this, we chose the focus group methodology, applied to two groups: A and B, both composed of 4 participants who experience this discrimination since school physical education. Each meeting was held remotely and recorded for later transcription and analysis of the information. As a result, it was possible to characterize results and classify them into 4 macro-categories for further analysis based on the literature: (i) the perception of fatphobia and identity formation; (ii) the nuances and consequences of experiencing fatphobia during the school period, (iii) the stigmatization of the fat body, and (iv) acting as future professionals. From these, it was possible to understand the systematic silence and naturalization of fatphobia in society, besides the vision of these future professionals as disadvantaged and treated as inferior in the environment where they live and work, besides being labeled with a series of stereotypes. More studies on this theme are necessary, especially in the area of physical education, in order to increase the visibility and understanding of the exclusion suffered by individuals outside the thin standard expected by society.

Key-words: body; fat phobia; physical education; obesity; beauty standarts.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	15
2.1. Objetivo geral.....	15
2.2. Objetivos específicos	15
3. JUSTIFICATIVA	15
4. METODOLOGIA	16
4.1. Amostra	16
4.2. Instrumentos	16
4.3. Desenho de estudo.....	17
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXO A – ROTEIRO GRUPO FOCAL	37
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	39

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Braga (2009), o corpo situado historicamente é criador de cultura e também seu resultado, construído portanto, a partir de relações e apropriações sociais, marcando a própria concepção de um ser que não é puramente biológico, mas também social, inteligível, sensível, sexual e artístico. Dessa forma, entende-se que o corpo se dá pelo entrelaçamento do que é natural com o que é cultural. Silva (2017) aponta ainda que o corpo é um mecanismo que detém incontáveis signos, concebidos a partir de uma visão cultural, política, social e de poder, a partir das relações sociais.

A construção dos significados do corpo, através dos séculos, adveio, justamente, pela síntese cultural dessa sociedade que o rodeia, seja relacionado com a religião, economia ou política, como descrito por Santos e Neto (2018). Portanto a preocupação em torno da estética não é um tema pertencente apenas à sociedade moderna, pois diferentes padrões de beleza foram cultuados em épocas e sociedades distintas. Isto posto, torna-se evidente que não é possível dissociar o contexto histórico e social dessas análises, notabilizando a importância de se entender o meio social do ser (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

Na contemporaneidade, com a influência midiática, a facilidade de acesso à internet e a constante exposição em redes sociais, o corpo se tornou um outdoor no qual não existe a individualidade, dessa forma, somos a todo momento bombardeados com ideais de formas físicas (Pinto, 2019). Assim, este fenômeno afeta homens e mulheres de todas as idades e graças a isso, foram criadas diversas formas de intervenções, motivadas pelo desejo de soluções imediatas e com o intuito de alcançar o inalcançável, independente dos riscos, como: dietas restritivas, cirurgias, procedimentos estéticos e substâncias ilícitas (Barbosa; Silva, 2016). Segundo Azevedo e Abuchain (1998), seria como se outros valores pessoais não existissem, já que as pessoas só conseguem se sentir aceitas se estiverem dentro dos padrões da sociedade, e essa, por consequência, não os acolhe.

Na sociedade de consumo, o cuidado com o corpo se tornou uma ditadura que previne o ter acima do ser, regido pela efemeridade, onde a diferença é excluída. As pessoas passaram a buscar sua identidade não naquilo que elas são, mas sim no

que podem mostrar, com um desejo de consumo para uma vida mais bem sucedida, valorizando o que é passageiro. Vasconcelos, Sudo, Sudo (2004) apontam que seria como se as pessoas realmente acreditassem que o resultado final dessa busca é o equilíbrio e a felicidade. Em consonância com Silva (2019), o atual padrão de beleza pode, portanto, ser definido por uma ausência de limite de alcance, ou seja, sempre serão renovadas as expectativas sobre esse corpo, nunca atingindo um limite e totalizando um processo cíclico, afinal, em relação ao corpo, nada é sólido ou conserva sua forma por muito tempo.

Com base no exposto, torna-se imprescindível o entendimento acerca do significado e as características de dois termos que passaram a fazer parte da sociedade graças aos ideais estéticos, e que muitas vezes são utilizados erroneamente como sinônimos: gordofobia e pressão estética.

A gordofobia, tema deste estudo, pode ser entendida como um neologismo que identifica a discriminação enfrentada por pessoas gordas, unicamente, por possuir característica. Porém, para além disso, a expressão incorpora os diversos desafios que esses indivíduos encaram, como rejeição social, falta de acessibilidade, perda de direitos e desigualdades nos ambientes que o cercam (Gurgel, 2018). Já a pressão estética pode ser vivida por qualquer pessoa, independente de sua aparência, a partir de um dever e cobrança de enquadrar-se no padrão de beleza, irreal e inatingível, deixando apenas o sentimento de insatisfação.

Diante disso, é incontestável que ambos são problemas reais e graves e podem desencadear diversas consequências. Porém, nota-se que ainda que sofram com a pressão estética, indivíduos magros possuem um privilégio sobre indivíduos gordos, a partir do momento que esse problema não os invisibiliza e exclui, mesmo seu sofrimento sendo legítimo, tornando importante o entendimento acerca do lugar social de uma pessoa obesa (Vasconcelos; Sudo; Sudo, 2004).

Portanto, a gordofobia pode ser entendida como um fenômeno sociocultural que se torna relevante à medida que a padronização dos corpos na contemporaneidade exalta o corpo magro e repudia o corpo gordo, resultando na ridicularização e exclusão dessa população. As autoras Silva & Cantisani (2018) concluem que a gordofobia é a marginalização consequente da estigmatização sobre esses corpos.

Pode-se mencionar também que, algo popular entre muitos indivíduos é a crença de que pessoas gordas estão gordas por preguiça, desleixo e por falta de força de vontade, como se lhes faltasse determinação. De acordo com Silva & Cantisani (2018, p. 368):

O problema da patologização das anomalias em busca de uma normalidade homogênea é grave, pois reduz a compreensão da multifatorialidade da obesidade a um fator comportamental, contribuindo para a manutenção de um modelo de saúde que corrobora a busca incessante por um tipo corpóreo visto como ideal, favorecendo a mercantilização das práticas de saúde.

Como mencionado, muitos se pautam em discursos de saúde para questionarem o emagrecimento, como se isso os desse o livre arbítrio de invadir o espaço pessoal de uma pessoa, com a motivação de uma falsa preocupação, existente apenas quando se está acima do peso, corroborando com a crença de que o magro é sempre saudável.

A classe supramencionada demonstra nitidamente como a intolerância às pessoas gordas pode ser travestida sob a forma discursiva de declarações com teor de preocupação com a saúde. Assim, sob o pretexto de que a obesidade é uma doença, muitos internautas tecem declarações sem qualquer preocupação com o ônus das discriminações direcionadas ao grupo minoritário. (ARAÚJO ET AL, 2018, p. 10)

Comprovando que o discurso pautado na saúde é equivocado, um estudo de revisão de Gaesser e Angadi (2021) aponta que a prática de exercícios físicos regulares pode resultar em melhorias consideráveis de problemas de saúde significativos, como a pressão alta, colesterol alto ou resistência à insulina. Tais melhorias são independentes da perda de peso do indivíduo, dessa forma o emagrecimento se tornaria um fator insignificante. Pesquisas citadas na nova revisão descobriram que a perda de peso entre pessoas obesas não diminui em nada os riscos de mortalidade. Dessa forma, os autores deixam a lição de que você não precisa, necessariamente, perder peso para ser saudável.

Ao se tratar da prática de exercícios físicos, chegamos então ao meio que nos proporciona nossos primeiros contatos com o esporte e a atividade física: a Educação Física escolar. Isto posto, vê-se que a junção do meio escolar e do professor de Educação Física que deverá despertar a vontade e a curiosidade do indivíduo em se exercitar e se manter ativo, como apontado por Silva et al. (2021). Porém, infelizmente, esse também pode ser o meio que o exclui e ridiculariza, como acontece com tantas crianças e adolescente obesos.

Na Educação Física, vemos, muitas vezes, discursos e ações que salientam essas pressões sociais, e que afastam ainda mais essas pessoas de práticas regulares de atividade física. César e Duarte (2009) discorrem sobre como os próprios currículos escolares tendem, por vezes, a ressaltar a “pedagogia da boa forma”, sendo assim, são tomados pela preocupação com o corpo, relembrando ideias das pedagogias higienistas dos séculos passados.

Indubitavelmente, a compreensão de corpo que é fornecida culturalmente como saudável é o magro e essa cultura corporal é o que baseia a ação de muitos professores de Educação Física, além do próprio comportamento de colegas em sala de aula. Entrando em acordo com Pinheiro (2018), essas ações têm potencial para acentuar prejuízos psicológicos e sociais e, possivelmente, sentimentos de inferioridade e rejeição nessas crianças, podendo acompanhá-las pelo resto da vida,

Que esteja explícito que esse trabalho não busca diminuir a preocupação acerca da obesidade como um problema complexo e doença endêmica, mas sim compreender sua multifatorialidade e os maléficos causados pela discriminação com indivíduos obesos durante sua infância, especialmente, na Educação Física escolar.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

O presente estudo tem por objetivo analisar quais os impactos psicológicos e sociais de discriminações gordofóbicas vivenciadas durante as aulas de Educação Física escolar, por atuais graduandos dos cursos de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP.

2.2. Objetivos específicos

- Contextualizar os significados dos corpos na sociedade;
- Compreender a definição de gordofobia e suas implicações;
- Apontar o impacto dessa discriminação na vida e na futura atuação profissional dos graduandos em Educação Física;
- Compreender como a Educação Física pode ser tanto um ambiente formativo, quanto exclusivo;
- Compreender o papel dos professores de Educação Física no combate à gordofobia.

3. JUSTIFICATIVA

Infelizmente, vivemos em uma sociedade que tende a marginalizar suas minorias e por consequência, excluí-las. A gordofobia como discriminação já acontece há muito tempo, porém passou a ser problematizada recentemente. Dessa forma, o repertório de estudos em torno do assunto é reduzido, principalmente no contexto brasileiro, tornando necessário a produção de mais trabalhos acerca dessa temática (ARAÚJO et al, 2018).

Entende-se, portanto, que a gordofobia deve ser problematizada e que para isso, é necessário compreender quais os impactos dessas ações durante o desenvolvimento de identidade do ser, principalmente, na Educação Física, uma área que, por ter como objeto de estudo o corpo humano, salienta, por muitas vezes, discursos e ações gordofóbicas.

4. METODOLOGIA

4.1. Amostra

Preconizou-se que a amostra fosse constituída de estudantes dos cursos de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto, que tenham passado por situações em que foram excluídos, ridicularizados ou menosprezados por causa de seu peso durante a Educação Física escolar. Dessa forma entende-se que a amostragem se dá por conveniência, ao buscar pessoas que se mostram mais acessíveis, colaborativos ou disponíveis para participarem do processo (FREITAG, p. 671, 2018).

Para tal, foi necessário a divulgação da pesquisa em meios de comunicação como o gmail de todos alunos e grupos do curso no whatsapp. A partir disso, algumas pessoas se disponibilizaram a participar, porém, buscou-se também alguns alunos que já haviam mostrado interesse na participação em discussões em sala sobre o tema em questão. Assim, os voluntários responderam um formulário sobre suas respectivas disponibilidades para então a formação dos grupos para pesquisa.

4.2. Instrumentos

Neste estudo, a fim de alcançar os objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa qualitativa, acordando com Debus (1997) quando diz que sua principalidade é buscar respostas acerca dos pensamentos e sentimentos dos pesquisados. Além disso, qualifica-se a natureza exploratória, entendendo que essa tem como finalidade compreender a apresentação, significado e contexto do objeto de estudo de escolha, de acordo com Piovesan e Temporini (1995).

A partir disso, definiu-se também o grupo focal como estratégia metodológica, debruçando-se sobre a definição de um grupo reduzido de discussão informal, apresentada por Gomes e Barbosa (1999) e com a complementação trazida por Levorlino e Perlicioni (2001), como a compreensão de concepções distintas de um fato, baseando-se na interação entre participantes com uma mesma vivência e na tendência humana de formar opiniões e entender acontecimentos a partir dessa troca.

4.3. Desenho de estudo

Obteve-se portanto 8 estudantes (identificados com números de 1 a 8) que se voluntariaram a participar da pesquisa, sendo eles 3 homens e 5 mulheres, que compunham desde o 2º período do curso até os que estavam em períodos de formação final, regulares ou não. É importante salientar que todo o processo respeitou o anonimato dos participantes, entendendo que o assunto é delicado e pode remeter a lembranças difíceis.

A partir disso, através da plataforma Google Meet, ocorreu o primeiro encontro, a fim de explicar a pesquisa e seus objetivos e logo após foi feita a utilização do Google Forms, para pesquisa dos melhores horários e disponibilidade dos participantes. Por fim, os sujeitos foram divididos em dois grupos: A e B, compostos por 4 participantes cada e as reuniões, uma por grupo, foram realizadas remotamente, no mês de fevereiro de 2023.

Ressalta-se que os encontros tiveram duração máxima de 1 hora e possuíam um moderador com postura de facilitador para que, indo de encontro a convergência de ideias feita por Nicaretta (2013) das autoras Gatti (2005) e Nery (2006), não haja nenhum tipo de influência nas opiniões emitidas durante as discussões e a fim de promover a participação de todos e coletar os dados obtidos. Além disso, ambas as reuniões tiveram áudio e vídeo gravados para a posterior transcrição das informações que aqui serão apresentadas. Vale evidenciar que as falas dos grupos foram agregadas e não comparadas.

4.4. Cuidados Éticos

Este estudo foi enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto. CAAE: 63111022.3.0000.5150.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos encontros pela plataforma Google Meet, as falas dos participantes dos grupos A e B foram coletadas e transcritas, para apenas então serem separadas em diferentes categorias e analisadas de acordo com a literatura. Dessa forma, notou-se que os dados podem ser divididos em 4 macrocategorias para análise posterior: (i) A percepção sobre a gordofobia e a formação de identidade; (ii) As nuances e as consequências da experimentação da gordofobia durante a infância, (iii) A estigmatização do corpo gordo e (iv) A atuação como futuros profissionais.

A primeira categoria agrupa os diferentes entendimentos acerca do significado da gordofobia e como os participantes passaram a formar suas identidades a partir de situações vividas e principalmente devido às suas respectivas aparências. Foram levantadas reflexões sobre a desqualificação do sujeito gordo e como o próprio meio político e social podem ou não excluir essas minorias, além do apontamento de situações vividas durante o período escolar em que os participantes refletiram sobre a perda de um direito básico do aluno: participar das aulas. A segunda categoria aborda quais foram as consequências dessas vivências durante o período escolar, estejam elas no passado dos participantes ou atualmente. Nota-se que nessa categoria, algo muito recorrente, além da escolha pela formação em Educação Física, foi a opção pela realização de modalidades e exercícios individuais.

A terceira categoria demonstra a estigmatização de corpos gordos e o debate sobre a possibilidade de se ter saúde mesmo acima do peso ideal através de cálculos como o IMC. Nessa, reitera-se a discussão sobre o espaço da pessoa gorda em uma sociedade que não a cabe e o discurso de terceiros sobre peso e aparência de pessoas gordas. Por fim, a última categoria ressalta a discussão acerca da formação e atuação desses futuros profissionais de Educação Física, seja na licenciatura ou no bacharelado e a importância da mudança desses pensamentos na área.

A percepção sobre a gordofobia e a formação de identidade

Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM), a gordofobia pode ser entendida como um neologismo usado para identificar o preconceito e a consequente discriminação contra pessoas acima do peso ou obesas. O significado sociológico de preconceito dado pelo Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa – Michaelis Online, se dá por uma "atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos", dessa forma corroborando com Arruda (2021), a gordofobia não se dá por uma fobia em si, mas um comportamento social que preconiza a inferiorização desses.

A gordofobia está em situações sociais, profissionais e pessoais. Tal discriminação não é praticada apenas no ambiente público, mas muitas vezes pelo próprio ambiente familiar, escolar e pessoal, como apontado por Jimenez (2019). Tal ponto pode ser notado a partir de uma das falas:

Mesmo com pessoas da minha família tendo sobrepeso também, eu sempre fui pressionado a emagrecer e ser forte. Passei a me sentir culpado por deixar de fazer atividades físicas. (Sujeito 3)

Para além disso, tal discriminação envolve também o espaço político a partir do momento em que o art. 6º da Constituição Federal garante a educação, saúde, transporte e lazer como alguns dos direitos sociais dos cidadãos (BRASIL, 1988). Neste sentido, se um sujeito deixa de ter acesso a qualquer um desses, o Estado passa a ferir os direitos fundamentais dos cidadãos. Por conseguinte, como exposto pelas falas dos próximos participantes, além dos alunos deixarem de exercer seu direito ao serem excluídos das aulas de Educação Física, podem também ter seu repertório motor prejudicado, além de sua aprendizagem e suas vivências sociais, comprometendo seu desenvolvimento integral como exposto por Gonçalves & Souza (2022).

Eu penso que nada foi feito para o gordo, às vezes em algo simples, como uma catraca de ônibus você passa por situações desconfortáveis, por não conseguir passar. A sociedade não está preparada para pessoas gordas e ainda vê como uma escolha. (Sujeito 2)

Dentro da escola principalmente.. na minha época quando eu era mais nova, eu sempre fui a mais alta e a mais gorda da turma, então toda brincadeira eu sempre fui a excluída, tudo que tinha eu sempre era deixada de lado. Na Educação Física, eu podia até ser a pessoa que mais tinha colegas dentro da sala, mas por meu biotipo ser diferente dos outros, eu era

taxada de que não sabia jogar, que ia atrapalhar o time. Dentro da escola era muito nítido que eu não me enquadrava no padrão... eu era excluídas aulas. (Sujeito 1)

Não era chamado para jogar nada, achavam que eu não era capaz de correr ou pular por ser mais gordinho. Eu fui desistindo de tentar participar aos poucos. Ao acontecer várias vezes você passa a não querer mais fazer parte. (Sujeito 3)

Como pode-se observar a partir das falas dos participantes, muitas dessas exclusões ocorriam nas aulas de Educação Física, o que vai de encontro com Martins (2006), que aponta que são nessas aulas que acontecem as piores situações de constrangimento com os alunos.

Não gostava de participar das aulas, principalmente, de natação, além de ter deixado de correr e brincar “como uma criança deveria”. Durante a infância não participava de nada, e no ensino médio só passei a participar por ser obrigada. Eventualmente, comecei a gostar mas sentia medo do que os outros estavam pensando. Não gosto de esportes coletivos hoje em dia porque não tive a oportunidade de aprender lá atrás. Me atrapalhou a vivenciar o que eu poderia. (Sujeito 6)

Vivemos em uma sociedade gordofóbica, em que, muitas vezes, sequer sabe-se que certas falas ou exclusões se tratam de um preconceito. Felizmente, neste estudo, o método utilizado permitiu que os sujeitos ouvissem as opiniões e pensamentos de outros participantes, o que os ajudou a chegar em um melhor entendimento acerca do assunto e trouxe, até mesmo, a noção de que o que foi vivido não era apenas uma brincadeira, como exposto pelo sujeito 4 após ouvir as falas:

Acredito que fui ensinado a achar situações e falas gordofóbicas normais, apenas brincadeiras, por ser uma pauta que passou a ser problematizada recentemente. (Sujeito 4)

De acordo com Arruda (2021) o problema da gordofobia não está no corpo da pessoa considerada gorda, mas sim nas pessoas que se incomodam com a imagem desse corpo. A classificação social existe como modo de referência para o outro. Toda e qualquer sociedade anseiam por um padrão e poder. Nos dias de hoje, o corpo que é visto como o que deve ser seguido, é o corpo magro, algo difundido e incentivado pela mídia, pelo cinema, e que passa a ser enraizado em todas as pessoas, capaz de produzir uma eterna insatisfação.

Segundo Arruda (2019), a estimulação constante da mídia reforça a ideia de um corpo certo ou errado no contexto social, impactando na concretude corporal de

maneiras extremas. O corpo magro é, portanto, uma construção social que coloca exemplos para todos os cidadãos, de todas as idades. Algo mencionado repetidas vezes pelos componentes do estudo:

Minha mãe é gorda e eu sempre ouvi que tinha que emagrecer para não ser como ela, mesmo com ela sendo muito saudável, diferente do meu pai que era magro. Desde pequena eu acompanhava minha mãe em todas as dietas e atividades para emagrecer. (Sujeito 6)

Sempre senti que tinha que praticar esportes e comer bem, além de ter passado a tomar remédios para emagrecer na adolescência. (Sujeito 7)

É importante perceber que o lugar de fala de quem experimenta a gordofobia no seu cotidiano é extremamente relevante como um pontapé para poder-se discutir o assunto e buscar formas para o combate dessa discriminação.

As nuances e consequências da experimentação da gordofobia durante o período escolar

Segundo Freire e Santorini (2022), a gordura se tornou um símbolo que leva a estigmas e exclusão. Pode-se observar que para se alcançar o corpo ideal aos padrões sociais, muitas vezes os indivíduos se submetem a diversas circunstâncias. As aflições de não se estar no peso ideal levam a situações que deixam marcas e traz ainda a possibilidade de transtornos alimentares e dismorfias corporais. Infelizmente, essa pressão para se encaixar pode também recair sobre crianças e adolescentes, como pode-se notar pela fala de duas participantes:

Sou pressionada a emagrecer desde que me entendo por gente. Sempre ouvi que o bonito e saudável era o corpo magro. Procurei dietas mirabolantes e clínicas de emagrecimento muitas vezes. Consigo levar para outros que isso não está certo, mas não para mim. (Sujeito 1)

Uma colega minha emagreceu muito nas férias e eu ouvi várias pessoas dizendo que agora sim ela estava bonita, eu e outras meninas passamos a levar ela como motivação, e mesmo depois de saber que ela tinha emagrecido por ter desenvolvido anorexia, demorou para percebermos que aquilo não estava certo. (Sujeito 5)

Na infância eu era bem magra, mas tinha o colesterol bem alto, engordei, realmente, na adolescência e aí tinha uma sensação de “tenho que emagrecer”, por isso, deixava de comer e vomitava refeições. (Sujeito 2)

Nota-se que a preocupação com o corpo no sexo feminino é ainda maior, afinal, segundo Wolf (1992), o corpo não pertence a si, mas a sociedade. Dessa

forma existe uma causalidade do sentimento de culpa e por consequência, a vontade de emagrecer a qualquer custo. Pode-se notar uma drástica perda de autoestima devido a essa comparação com outros corpos, o que corrobora com Franco (2009) que considera que a autoestima é um fenômeno social e a qualidade das relações estabelecidas pelo sujeito estão vinculadas à sua construção e transformação. Ward (1996) e Hewitt (1998), explicam ainda que a baixa autoestima pode estar ligada a comportamentos negativos como problemas afetivos, timidez excessiva, ansiedade, depressão, problemas sociais e dificuldades de aprendizado.

Afetou minha autoestima drasticamente. Gostava de vôlei e entrei para o time, mas não permaneci por não acreditar que eu era boa o suficiente para. (Sujeito 2)

Não me afastei dos esportes por causa disso por ser algo que eu sempre gostei bastante, porém em relação a auto estima sim, por muito tempo tive problemas com a minha aparência por essa época. (Sujeito 8)

Vaz (2014) discorre sobre como, ao acreditar no julgamento de terceiros, muitas vítimas de preconceitos passam a sentirem vergonha por serem como são e se comportam como pensam que os outros querem que se comportem. Essa crença, como vista na fala do sujeito 2, pode os fazer ter medo de realizar certas tarefas. Vaz ainda traz sobre como o preconceito tem forma definida ao incluir uma visão moral hegemônica do comportamento individual, que é acometido apenas a minorias, sejam elas culturais, étnicas ou sociais.

Dentre as falas mais recorrentes, deve-se apontar a opção por modalidades esportivas individuais após as vivências negativas durante a Educação Física escolar. Figueiredo (2008) expõe que a frustração e os sentimentos de impotência que a rejeição cria são significativos. Além disso, a exclusão, quase sempre associada a estereótipos corporais, leva à busca por atividades alternativas.

Não vivenciei o que deveria durante a Educação Física escolar e hoje em dia sinto que não tenho o "direito" de participar. Prefiro coisas individuais, quase sempre. (Sujeito 1)

Deixei de praticar uma modalidade coletiva por não me sentir à vontade com as brincadeiras que eram feitas sobre minha aparência (...) Até hoje fico receosa de acontecer de novo. (Sujeito 7)

Sinto minha própria limitação, não consigo correr como outras pessoas, então prefiro coisas individuais hoje em dia. (Sujeito 4)

Figueiredo (2008) menciona ainda que o ensino do esporte na escola já foi questionado diversas vezes devido à falta de indagações sobre as normas e valores sociais embutidos no esporte, como superestimação da competição, exclusão dos

"pouco qualificados" e "mais fracos", seletividade, preconceito de gênero e outras incongruências. Indo de acordo com Graber e Woods (2014), a importância da Educação Física escolar se fundamenta na disseminação de conhecimentos em três domínios diferentes: psicomotor, cognitivo e afetivo. Assim, para Castillo e Balaguer (2001) os anos escolares representam um período crítico para a aquisição de hábitos de atividade física, portanto, sem tais objetivos, a educação física se torna supérflua e dispensável.

Verifica-se que a Educação Física tem papel fundamental na educação básica, por propiciar práticas diversas por meio de condições que as permitam brincar, criar, inventar, descobrir, recriar conceitos e ideias (Dos Santos e Barbanera, 2022). Apoiado a esse pensamento, Jimenez (2019) ainda reforça que a escola é um lugar central para o questionamento de tópicos como a gordofobia e inclusão, porém nota-se também sua despreparação para lidar com tais temáticas, principalmente na formação de docentes, o que corrobora com a fala de um dos sujeitos que exemplifica a vontade de mudar o cenário para que outros alunos não passem pelas mesmas exclusões que ele, levando em consideração que seus professores incentivavam tal prática.

Escolhi a graduação de licenciatura em Educação Física para ser um professor que não exclui os alunos como eu fui excluído. (...)Me dedico muito para mostrar que mesmo diferente do padrão, sou capaz. (Sujeito 3)

A estigmatização do corpo gordo

Cortes (2018) implica que é difícil compreender porque uma característica física pode virar alvo de repugnância por parte de algumas pessoas. Porém, historicamente, pode-se perceber que o culto ao corpo foi recorrente em diversos momentos. Segundo pesquisas de Wdowik (2017), as dietas para emagrecimento passaram a existir há séculos atrás. No século XI, William I, Duque da Normandia e Rei da Inglaterra acabou por engordar muito e se submeteu a uma dieta líquida que consistia apenas em bebidas alcoólicas, para conseguir montar seu cavalo. Em 1558, foi “criada” a Dieta da Imortalidade, pois o aristocrata italiano Luigi Cornaro restringiu sua alimentação a 340 gramas de comida e assim viveu até os 102 anos. Já em 1727, Thomas Short observou que moravam perto de pântanos pessoas com sobrepeso e dessa forma incentivou a “dieta” de evitar pântanos e afastar-se desses

locais para que os indivíduos não engordassem.

Mas antes mesmo dessas situações, o cristianismo buscou formas de coibir vícios como a alimentação, a partir de ideais gregos de hamartia, entendido como cometer excessos. O latino cristão Prudêncio, em seu poema *Psicomaquia* de 405, compôs diversas virtudes opostas, cuja execução forneceria proteção contra os pecados. Dentre elas pôs a temperança, ou seja, a sobriedade de alimentos e bebidas a fim de superar a gula (DRUMMOND, 2014). No entanto, segundo Le Goff (2002), o termo pecado original foi criado por Santo Agostinho, aproximadamente em 397, para exemplificar o estado de pecado que o homem vive em decorrência de sua origem. E a partir disso, Drummond (2014) aponta que a igreja buscava controlar a população, pois pecar seria agir sem seguir um princípio de racionalidade e finalidade universal da lei divina.

Na obra “Sobre os oito vícios capitais”, feita por Pôntico no século IV, o pecado “gula” encabeçava a lista de pecados pois era considerado, junto a luxúria, o maior perigo enfrentado por monges. Além disso, é importante mencionar que o cristianismo passou a propor aos seus discípulos a auto-imposição de jejuns, pois via-se como sinal de pureza, sacrifício, elevação espiritual e santidade (AMARAL, 2008). Ainda no século II, Juvenal, através do “Sátira X”, trouxe a ideia de “mente sã e corpo são”, que implica que para o domínio da racionalidade, deve-se haver um equilíbrio entre ambos, o corpo e a mente, porém, naquela época isso implicava em ter um corpo forte e esbelto. Com isso em mente, compreende-se que o afoito com o corpo é algo histórico e que pode ter consequências em diversos períodos.

A tentativa de caracterização de corpos em normais ou anormais, leva a uma ideia de hegemonia, para padronizar e criar uma supremacia de uns sobre os outros. Segundo Pinheiro (2018), ser gordo em uma sociedade como essa, imputa uma luta permanente contra o preconceito, afinal assim como outras discriminações, essa é uma questão social internalizada que se diferencia apenas pela atualidade, não do preconceito em si, mas da caracterização deste. Dessa forma, vê-se que ser gordofóbico é algo naturalizado pois, por muito tempo, foi normal e difundido. Pode-se ver isso a partir das seguintes falas dos participantes:

Em uma aula específica a professora disse que ser gordo é doença, não a obesidade, ser gordo mesmo. Porque sempre frisar que só o magro é saudável? (Sujeito 1)

Fui fazer um estudo dirigido de um professor, e em uma tabela comparava

“pessoa obesa e pessoa normal”. Como se normal fosse o contrário de obeso (...) Percebo as pessoas da minha sala e alguns professores, são muito focadas em uma performance de corpo (...) vender esse corpo. (Sujeito 6)

Já ouvi de um professor “você confiaram em uma nutricionista gorda? Se ela não cuida da própria saúde, como vai cuidar da sua?”. Mas isso é muito relativo, não é porque a pessoa está gorda que isso molda tudo nela. Essas posturas são muito complicadas, porque esse lugar deveria nos acolher e direcionar e acaba fazendo o oposto. (Sujeito 3)

Rangel (2018), traz ainda a ideia de que as ações preconceituosas aparecem como uma disfarçada preocupação com a saúde, já que os corpos observados para tais são apenas corpos gordos. Essas situações, como apontado anteriormente, são encorajadas pela naturalização destes atos, dando a entender que o corpo se trata de um espaço público, passível de liberdade para opiniões de desconhecidos e conhecidos, uma vez que qualquer um se sente no direito de aconselhar e questionar suas atitudes. (PAIM e KOVALESKY, 2020)

Além disso, pode-se notar uma certa desumanização do corpo gordo. Segundo Mattos, Zoboli e Mezzaroba (2012), é como se por sua aparência esse fosse menos capaz e mais limitado, assim, automaticamente, tornando-o doente e sendo percebido como algo deficiente, por não ser eficiente o suficiente. Com isso, atribuem-se diversas características de julgamento e moralidade naquele indivíduo, e como observado por diversas vezes, as falas dos participantes externaram aspectos dessas análises:

Na academia em que eu trabalho, outras pessoas passam a ter mais credibilidade por serem musculosos ou magros, mesmo não tendo a formação e conhecimento que eu tenho. (Sujeito 1)

Quando estou no salão de musculação, recebo olhares e muitas vezes as pessoas preferem outro profissional ao invés de mim por causa da minha aparência. (..) Já na escola, já ouvi algumas vezes as pessoas perguntarem com espanto “você que é a professora?” (Sujeito 2)

Automaticamente quando você fala que faz Educação Física, as pessoas checam seu corpo, como se ele fosse seu produto e você tivesse que ter o que mostrar para ter conhecimento, vejo muitos professores reforçando isso. Parece as vezes que resumem nosso trabalho a isso, educar nossos alunos a emagrecer ou ficar fortes. (Sujeito 5)

Tem uma moça que toda vez que encontra minha mãe na rua, ela tenta enfiar uma bariátrica guela a baixo da minha mãe como se fosse um procedimento simples e não uma cirurgia delicada e perigosa. A gente tá no meio da rua e ela é uma conhecida, o que dá o direito dela fazer isso sabe? (Sujeito 6)

Já ouvi comentários como “você sabe que para ser personal você não pode ter esse corpo, né?” Quando eu entrei no departamento, pensei “o que estou fazendo aqui?” Mesmo sendo um curso que eu amo, estou cercada de pessoas dentro do padrão e às vezes você se sente deslocado, como se estivesse no lugar errado. (Sujeito 7)

Estagiando em academia direto falavam que não podia opinar sobre o que a execução ou o treino em si da pessoa porque eu não treinava e não podia opinar, sendo que sim eu sempre treinei e estudei muito, só que não com o objetivo de ter um corpo padrão. (Sujeito 8)

Ademais, vale pôr em evidência que, de acordo com Rangel (2018), a pessoa possuir o IMC (índice de massa corporal) adequado, não necessariamente afirma que essa será saudável. Embora seja uma fórmula reconhecida e amplamente difundida para categorização da obesidade, tem sido questionada pela classe médica, pois seus resultados não distinguem quanto de gordura, músculo, osso ou órgãos há no corpo de acordo com o peso, assim, falhando em trazer informações sobre a diversidade do corpo humano. Ainda sim, socialmente, a pessoa com o IMC elevado é considerada um desvio do que a sociedade espera, e dessa forma, implica-se que não há como a saúde e a gordura coexistirem.

Entretanto, se diminuirmos a saúde puramente a uma questão física e estética, desconsidera-se a concepção integral do corpo, e todos seus outros aspectos, como apontado por Paim e Kovalesky (2020) e ainda, em concordância com (PINEYRO, 2016, p. 58) ao dizer “É impossível uma vida com saúde sofrendo discriminação constantemente e em todos os âmbitos da vida, e é impossível ter saúde se vive com permanente ódio de si mesmo”. Com isso em mente, os participantes foram perguntados da possibilidade de uma pessoa gorda ter saúde, entendendo que a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1948, definiu saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade. Assim, obteve-se as seguintes respostas:

É possível, eu sou 5kg acima do meu peso ideal na tabela, mas todos meus exames são ótimos, então não consigo entender porque eu não teria saúde. A questão é ser saudável, não ser magro ou gordo. (Sujeito 1)

Por questões hormonais, o meu porte físico envolve ter mais peito e mais quadril, ou seja, mesmo se eu emagrecer eu nunca vou ter um corpo visto como magro, nem por isso deixo de ter saúde. O conceito de saúde é muito amplo, não é apenas exercício físico: alimentação, exercício, sono, o mental, uma junção. (Sujeito 2)

Uma coisa não tem necessariamente influência na outra. É uma característica que não afeta a saúde, até porque a saúde é muito mais que apenas o funcionamento fisiológico. (...) A minha mãe sempre foi magra, tinha péssimos hábitos, problemas de pressão arterial, tabagismo, alcoolismo, mas o único "problema" que ela via em si, era achar que não era magra o suficiente. (Sujeito 5)

É uma discussão muito longa e muito complicada, mas muito atual. Acredito que dá pra ser gordo e saudável, porque saúde não está ligada a um baixo

percentual de gordura, acredito que seja um equilíbrio em diferentes áreas da sua vida. (Sujeito 6)

Por fim, consoante a Pinheiro (2018), nota-se que o fato de ser obeso ou acima do peso, ainda recai sobre os próprios sujeitos, como se lhes fosse uma vontade. Segundo Paim (2019), seguindo essa lógica, além de doente, a pessoa gorda se torna moralmente responsável por essa condição, reduzindo a um descontrole, desleixo ou preguiça, desconsiderando seus determinantes sociais (MATOS, ZOBOLI, MEZZARROBA, 2012). Os autores ainda indagam essa responsabilidade, a sociedade parte da ideia de que se existem tantas formas, informações e produtos para emagrecer, ser obeso se torna uma escolha do indivíduo e não uma condição imutável.

Eu percebo que muitas vezes é visto como uma escolha: é só emagrecer que você para de sofrer isso (...) Além de responsabilizar a pessoa, como se ela fosse desleixada e preguiçosa, falam como se fosse saúde, e como se tivessem o direito de falar sobre isso (...) Achar errado é visto como romantizar a obesidade. (Sujeito 5)

Colocaram as pessoas gordas em um lugar de que não se nasce gordo, como se por você está gordo é porque você quer, como se não fosse multifatorial (...) Como se fosse muito fácil mudar essa situação, sempre. (Sujeito 6)

A atuação como futuros profissionais

Conforme Ungheri et al. (2021), existe certa exigência para os profissionais da Educação Física seguirem os padrões estabelecidos, já que o corpo é seu objeto de estudo e trabalho. Tal pensamento é enraizado até mesmo dentro da própria área e acaba por ser transmitido interna e externamente. Sendo assim, com a valorização da magreza no meio social e profissional, entende-se a gordura como um símbolo de falência moral (JIMENEZ & ABONIZIO, 2018).

Portanto, deve-se ter cautela para que o professor não se torne também um dos agressores, como demonstrado por alguns participantes ao citarem o desamparo que sentiram por parte do corpo docente e até mesmo o reforço de algumas ações ao não serem categorizadas como incorretas. Para Chaves (2006), deve-se atentar à forma de realizar correções além de evitar depreciações, preferências, indiferença, apelidos depreciativos e outras inadequações. Afinal, uma das funções sociais da escola é permitir e incentivar reflexões e ressignificados sobre princípios de valor,

conscientização e pensamento crítico (BOTELHO e SOUZA, 2007; MATOS; ZOBOLI; MEZZARROBA, 2012).

Para além disso, Souza (2022) aponta ainda que cabe ao professor o papel de agente transformador na formação dos alunos ao tratar de pautas sociais, como a gordofobia, através de intervenções pedagógicas dentro da sala de aula, contribuindo para a visibilidade e inclusão de corpos marginalizados, além de oportunizar que tais experiências sejam ouvidas e discutidas. Neste sentido, a partir das respostas deste estudo, observa-se que graduandos em Educação Física ao se depararem com a gordofobia, passam a sentir a necessidade de impedir que outros vivenciem essa e quaisquer outra discriminação, como pode-se observar:

Aprendi que sempre é necessário intervir em situações desconfortáveis que os alunos sejam colocados (...) não se pode deixar para depois, senão continuará acontecendo e eu sei as consequências que isso pode causar para alguém. (...) É muito difícil desestruturar esses pensamentos que já vem de casa, enraizados, mas é importante. (Sujeito 2)

A partir do momento que você tá como professor, se você vê qualquer tipo de situação, você está lá para ensinar, então você deve intervir. Caso você sinta que não seja seu lugar de fala, busque informações. Faz parte desse processo de educação (...) a aceitação do corpo, as minorias, saber respeitar os amigos e colegas, tentando diminuir essas questões como o bullying. (...) Se na época que nós estudávamos os professores tivessem agido, teria sido completamente diferente. (Sujeito 3)

Vim para Educação Física por que em algum momento algum profissional me acolheu e acredito que deve-se sempre intervir em situações como essas. Por muito tempo tive medo da Educação Física escolar por remeter a memórias ruins de não pertencimento (..) Tenho vontade de transformar esse ambiente, não sei como ainda. (Sujeito 5)

Com isso estabelecido, faz-se importante discutir o papel da Educação Física no combate à gordofobia. De acordo com Costa e Venâncio (2006) os profissionais de Educação Física devem determinar sua identidade profissional de forma consciente e ética, pois ao deixar de manifestar um posicionamento crítico diante de ações da mídia e sociedade, afirmam discursos de controle do corpo a fim de corresponder ao padrão de beleza imposto. É imprescindível notar que o “saudável” construído pela mídia existe para fins lucrativos e capitalistas e assim, tão rápido quanto é criado, é também substituído, como um ciclo vicioso e intangível. Dessa forma, as autoras ainda trazem a importância da intervenção consciente e crítica do professor, pois a formação do conhecimento de cada praticante está diretamente ligada a ele, seja na ginástica, musculação, dança, esporte ou escola.

Ademais, Pinheiro (2018) acrescenta que, impreterivelmente, deve-se realizar

um processo de desestruturação de tal ideal corporal que tem como alusão o corpo magro e musculoso. Para isso, em concordância com Bonetto e Gonçalves (2022), a autora aponta que é indispensável a promoção de projetos pedagógicos inclusivos, para o combate aos preconceitos, valorizando que os padrões são invenções sociais e que podem e serão reinventados. Ainda, Rigoni, Nunes e Fonseca (2017) complementam que a Educação Física tem que sempre refletir sobre as construções socioculturais do corpo para bem-estar físico e psicossocial dos alunos. Com isso, os participantes discorreram a respeito da possibilidade ao combate à gordofobia na Educação Física:

A gente não pode querer mudar o mundo, tudo começa com um pequeno ato. Um professor desencadeou isso em mim (...) às vezes é algo substancial, mas mudar o pensamento de uma pessoa, um grupo de alunos, já é válido. Pra mim o conhecimento, o fato de você saber ensinar, é muito mais importante do que você ser daquela forma. (Sujeito 4)

Só de parar de ser um lugar que reforça isso já podemos ajudar. Além de poder mudar esse conceito de associação da saúde com a magreza, ou que se deve emagrecer a qualquer custo. Devemos incluir a todos e não apenas definir que se deve emagrecer sem estudar cada caso. (Sujeito 5)

Temos as ferramentas, sabemos como o corpo humano funciona, sabemos os benefícios das atividades e exercícios físicos. É o lugar perfeito para mostrar que todos os corpos devem estar em movimento. Basta os profissionais adotarem esse discurso. (Sujeito 6)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um silêncio sistemático ao se falar da gordofobia, além de crenças de que discordar de tal prática é romantizar a obesidade e suas consequências. Ao analisar as respostas dos voluntários, ficou claro que os futuros profissionais se viam como desfavorecidos, tratados como inferiores no meio em que vivem e trabalham e rotulados com uma série de estereótipos. Além disso, nota-se o impacto psicológico dessas ações e a vontade de mudar o cenário, impedindo que essas sejam recorrentes na vida de futuros alunos.

Através da investigação das falas dos participantes a partir das categorias: (i) A percepção sobre a gordofobia e a formação de identidade; (ii) As nuances e consequências da experimentação da gordofobia durante o período escolar, (iii) A estigmatização do corpo gordo e (iv) A atuação como futuros profissionais, tem-se o entendimento das particularidades da vivência de indivíduos que sofrem com essa exclusão e quais foram os impactos sociais, psicológicos e profissionais compreendidos por eles.

Nesta pesquisa, a escolha pela técnica do grupo focal foi fundamental para a emergência de pontos de vista e significados, e por sua vez, para o sucesso das discussões. Para extinguir a discriminação contra os corpos gordos, é preciso saber reconhecer suas origens e consequências. A pesquisa sobre a gordofobia na sociedade, em particular na Educação Física, é fundamental para abrir espaço para tal debate na formação de professores e, portanto, para reconhecimento do problema por indivíduos que potencialmente poderiam realizar essa discriminação.

Nesse caso, faz-se necessário mais investigações e pesquisas sobre a temática atual com o propósito de aumentar sua visibilidade e discussões para que os corpos gordos possam se desprender das amarras desses estigmas colocados sobre eles e assim, compreenderem que o fato do corpo estar fora de um padrão ou categorizado em uma tabela, não deve impedi-los de fazerem o que gostam, buscarem saúde ou, simplesmente, participarem ativamente da sociedade. Além disso, cabe também ao Estado cumprir seus deveres para/com os cidadãos garantindo a inclusão e os direitos desses indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, M. **O fenômeno do culto ao corpo moderno e a magreza como símbolo de beleza: estudo sobre o movimento pró-ana no Brasil**. In: VI Congresso Português de Sociologia. 2008.
- ARAÚJO, L. S. et al. **Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia**. *Psicologia em estudo*, v. 23, 2018.
- ARRUDA, A. de S. **O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade**. 2019. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação). São Paulo: Universidade Paulista.
- ARRUDA, A. **O peso e a mídia: as faces da gordofobia**. Alameda Casa Editorial, 2021.
- AZEVEDO, A. M. C., & ABUCHAIM, A. L. G. (1998). **Bulimia nervosa: classificação diagnóstica e quadro clínico**. NUNES, MAA et al. *Transtornos alimentares e obesidade*. Porto Alegre: Artmed, 31-39.
- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E.. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. *Psicologia & sociedade*, v. 23, p. 24-34, 2011.
- BARBOSA, B. R. S. N.; DA SILVA, L. V.. **A mídia como instrumento modelador de corpos: um estudo sobre gênero, padrões de beleza e hábitos alimentares**. *Razón y Palabra*, v. 20, n. 94, p. 672-687, 2016.
- BRASIL. Constituição (1988). **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BONETTO, P. X. R; GONÇALVES, B. C. **Bullying gordofóbico na educação física escolar: a perspectiva dos/as professores/as**. *Temas em Educação Física Escolar*, v. 7, p. 1-16, 2022.
- BORGES, Leonardo Daniel Rodrigues et al. **Mente são em corpo são: paradoxos da pós-modernidade**. (2020)
- BOTELHO, R. G.; DE SOUZA, J. M. C. **Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção**. *Revista de Educação Física / Journal of Physical Education, [S. l.]*, v. 76, n. 139, 2017. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/506>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- BOULTON, Michael et al. **Associations between peer bullying and classroom concentration: Evidence for mediation by perceived personal safety and relationship with teacher**. *Educational Psychology*, v. 32, n. 3, p. 277-294, 2012.
- BRAGA, Adriana. Corpo, mídia e cultura. *Razón y palabra*, n. 69, 2009.
- CASSIMIRO, E. S.; GALDINO, F. F. S.; SÁ, G. M. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade**. *Revista Eletrônica Print, São João Del Rei*, n. 14, p. 61-79, 2012.
- CASTRO, M. DA G. DE .; ANDRADE, T. M. R.; MULLER, M. C.. Conceito mente e corpo através da História. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. Psicol. Estud., 2006 11(1), jan. 2006.
- CASTILLO, I.; BALAGUER, I. **Dimensiones de los motivos de práctica deportiva de los**

adolescentes valencianos escolarizados. Ef deportes [revista en Internet] 2009 Enero-Febrero; 10 (63).

CESAR, M. R. de A.; DUARTE, A. Governo dos corpos e escola contemporânea: pedagogia do fitness. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 34, n. 02, p. 119-134, ago. 2009.

CHAVES, W.M. **Fenômeno bullying e a educação física escolar.** Anais do 10º Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Niterói: UFF, Departamento de Educação e Desportos, 2006: 149-54.

CIRURGIA bariátrica e metabólica, S. B. Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica. Disponível em: <https://www.sbcm.org.br/gordofobia-e-estigma-da-obesidade-precisam-ser-combatidos-com-informacao/> >. Acesso em: 20 fev. 2023.

CORTES, R. **Gordofobia preconceito – definição, significado e dados no brasil.** Quero Viver Bem, 18 maio 2018.

COSTA, E. M. B.; VENÂNCIO, S. **Atividade física e saúde:** discurso que controlam o corpo. Pensar a Prática, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 59-74, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v7i1.66. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/66>. Acesso em: 28 fev. 2023.

DAOLIO, Jocimar. **Os significados do corpo na cultura e as implicações pra a educação física.** Movimento. Porto Alegre. vol. 2, n. 2 (jun. 1995), p. 24-28, 1995.

DE CASTRO, A.L. **Culto ao corpo e sociedade:** mídia, estilos de vida e cultura de consumo. Annablume, 2003.

DE OLIVEIRA-CRUZ, M; ISAIA, L. S. **Da pressão estética à gordofobia:** violências nos memes em tempos de pandemia de COVID-19. **Contracampo**, v. 41, n. 1, 2022

DEBUS M. **Manual para excelência em la investigacion mediante grupos focales** Washington: Academy for Educational Development, 1997

DOS SANTOS, S. F.; BARBANERA, P. O. **A importância das aulas de educação física na educação infantil.** RENEF, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 224-237, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/5279>. Acesso em: 26 fev. 2023.

DRUMMOND, A. **As constituintes da moral medieval católica:** como os vícios humanos se tornaram os sete pecados capitais. REVISTA MUNDO ANTIGO, v. 3, n. 5, p. 41-62, 2014.

FAVA, G. A; SONINO, N. (2000). **Psychosomatic medicine:** emerging trends and perspectives. Psychotherapy and psychosomatics, 69(4), 184-197.

FELDEN, É. P. G. et al. **Internalizacao dos ideais de corpo em academicos de Educacao Fisica e Fisioterapia.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 24, n. 4, p. 121-128, 2016.

FERREIRA, C. B. C. (2015). **Feminismos web:** linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. Cadernos Pagu, 44, 199-228.

FIGUEIREDO, Z. C. C. **Experiências sociocorporais e formação docente em Educação Física.** Movimento, v. 14, n. 1, p. 85-110, 2008.

FRANCO, A. DE F. **O mito da autoestima na aprendizagem escolar.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 13, n. Psicol. Esc. Educ., 2009 13(2), jul. 2009.

FREITAG, R. M. K. **Amostras sociolinguísticas**: probabilísticas ou por conveniência?. Revista De Estudos Da Linguagem, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 667-686, mar. 2018. ISSN 2237-2083. Available at: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12412>>. Date accessed: 27 nov. 2021.

GAESSER, G. A; ANGADI, S. S . **Obesity treatment**: Weight loss versus increasing fitness and physical activity for reducing health risks. *iScience* vol. 24,10 102995. 20 Sep. 2021,

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GRABER, K. C; WOODS, A. M. **Educação física e atividades para ensino fundamental**. Porto Alegre: AMG Editora Ltda (tradução), 2014.

GOMES, M. E. S; BARBOSA, E. F. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**. Revista Educativa, v. 1, n. 7, 1999.

GURGEL, A. **Pare de se odiar**: Porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

HEWITT, J. P. **The myth of self-esteem**: Finding happiness and solving problems in America. St Martin's Press, 1998.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONE, M. C. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde**. Rev. Esc. Enf. USP. São Paulo, v.35, n.2 , p. 115-21, jun. 2001.

ISAIA, L. S. **A revolução fashion**: os blogs como instrumentos de consolidação da identidade plussize. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, Universidade do Minho, Portugal, 2015.

JIMENEZ, M. L. J; ABONIZIO, J. **Gordofobia e Ativismo gordo**: o corpo feminino que rompe padrões e transforma-se em acontecimento. In: Anais do XXXI Congreso Asociación Latinoamericana de Sociología, Universidad de le Republica Uruguay. 2017. Disponível em : <<https://documentcloud.adobe.com/link/track?uri=urn:aaid:scds:US:daf7ff58-6e9e-4237-99de-a005fa508e60#pageNum=1>>

JIMENEZ, M. L. J; ABONIZIO, J. **Gordofobia**: o lugar social do corpo gordo feminino na sociedade contemporânea. In: X Mostra da Pós-Graduação: Direitos Humanos, trabalho coletivo e redes de pesquisa na Pós Graduação. 2018.

JIMENEZ, M. L. J. **Gordofobia na escola**: lute como uma gordinha. **Todas Fridas**, v. 20, 2019.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J-C. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Vol. II. Tradução: Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: Edusc, 2002. p. 337-351.

MARTINS, J. **Tudo menos ser gorda**: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza. fl. 92. Tese (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS/ RS. Porto Alegre, 2006.

MATOS, K. dos S; ZOBOLI, F; MEZZAROBBA, C. **O corpo obeso**: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia. Anais da IX Semana de Educação Física, 2012.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora: Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/preconceito/>. Acesso

em 20 fev. 2023.

NERY, A. A. **Necessidades de saúde na estratégia de Saúde da Família, no município de Jequié-BA: em busca de uma tradução.** 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NICARETTA, E. I. **Problematizando Educação, matemática (s) e Tecnologias numa prática pedagógica no Ensino Fundamental.** 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Constituição.** Genebra: OMS, 1948.

PAIM, M. B.; KOVALESKI, D. F.. **Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia.** *Saúde e Sociedade*, v. 29, n. Saude soc., 2020 29(1), 2020.

PAIM, M. B. **Os corpos gordos merecem ser vividos.** *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. Rev. Estud. Fem., 2019 27(1), 2019.

PELICIONI, M. C; IERVOLINO, S. A.. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde.** *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 35, p. 115-121, 2001.

PINHEIRO, A. B. T. **Menina gorda não tem vez: problematizando a gordofobia e as consequências no desenvolvimento das crianças e adolescentes,** 2018.

PINTO, N. M. **Corpos da moda: mídia e padrão de beleza.** *XV Enecult, Salvador*, p. 13. 2019.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública.** *Revista de saúde pública*, v. 29, p. 318-325, 1995.

PÔNTICO, E. **Sobre os Oito Vícios Capitais. Espiritualidade dos Padres do Deserto.** Tradução: Carlos Martins Nabeto. Fonte: VE Multimeios. 2012.

PRUDÊNCIO, A. **Psychomachia.** 405.

RIGONI, A. C. C.; NUNES, F. G. B.; FONSECA, K. Das M. **O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social Facebook: implicações para a Educação Física escolar.** *Motrivivência*, v. 29, p. 126-143, 2017.

SANTOS, A.; SANCHOTENE, N. **'Gorda, Sim! Maravilhosa, Também!': Do Ressentimento à Autoestima em Testemunhos de Vítimas de Gordofobia no YouTube.** In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40º, Curitiba. Anais. Curitiba: Intercom.** 2017. p. 1-15.

SANTOS, T. C. B.; NETO, A. de O. S. **A construção socio-cultural do corpo e a subversão so corpo queer.** (2018)

SILVA, J. L. da et al. **Estudo exploratório sobre as concepções e estratégias de intervenção de professores em face do bullying escolar.** 2015.

SILVA, S et al. **Gordura corporal, auto-conceito físico geral, auto-estima e aparência física em estudantes universitários.** *EXEDRA*, Número Temático, p. 52-63, 2016.

SILVA, M. O. da. C.; **Cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia.** 2017. xi, 212 f., il. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SILVA, K. C. et al. **Bullying e depressão no contexto da adolescência**: uma revisão sistemática. **A psicologia e sua interface com a saúde**. João Pessoa: Editora IESP, 2017.

SILVA, B. L.; CANTISANI, J. R. **Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição**: um debate necessário. *DEMETRA: Alimentação Nutrição & Saúde*, [S.l.], v. 13, n. 2, p. 363-380, jul. 2018. ISSN 2238-913X. Disponível em: <<https://www.publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/33311/25608>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o corpo no instagram**: os discursos de aceitação corporal como contraponto à imposição do padrão de beleza. (2019)

SILVA, K. S.; BANDEIRA, A. da S.; RAVAGNANI, F. C. de P.; CAMARGO, E. M. de; TENÓRIO, M. C.; OLIVEIRA, V. J. M. de; SANTOS, P. C. dos; RAMIRES, V. V.; SANDRESCHI, P. F.; HALLAL, P. C.; BARBOSA FILHO, V. C. **Educação física escolar**: Guia de Atividade Física para a População Brasileira. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, [S. l.], v. 26, p. 1-18, 2021.

SOARES, S. L.; AGUIAR, V. C. F.; SHIOSAKI, R. K.; SCHWINGEL, P. A.; FERREIRA, H. S. **Formação continuada em educação física e práticas de promoção de saúde**: Estudos relacionados. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. 3, p.1958-1976, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17i3.16399. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16399>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SOUZA, F. M. de. **Enfrentamento à cultura da gordofobia nas escolas**: uma proposta de discussão por meio do Boterismo. 2022.

SOUZA, V. C Da S; GONÇALVES, J. P. **Investigação sobre gordofobia**: estado do conhecimento em teses e dissertações. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 11, n. 31, p. 363-387, 2020.

SOUZA, V. C. da S.; GONÇALVES, J. P. **Gordofobia no espaço escolar**: uma análise histórico-cultural. **GORDOFOBIA NO ESPAÇO ESCOLAR**: uma análise histórico-cultural. **Revista Ciências Humanas**, v. 14, n. 1, 2021. Acesso em: 9 nov. 2021.

SOUZA, V. C Da S; GONÇALVES, J. P. (2022). **Bullying e violência na escola**: um estudo em representações sociais com pré-adolescentes. *EccoS – Revista Científica*, 0(60), e18893. doi:<https://doi.org/10.5585/eccos.n60.18893>

TEIXEIRA, F. L. S.; FREITAS, C. M. S. M. De; CAMINHA, I. de O. **A lipofobia nos discursos de mulheres praticantes de exercício físico**. Motriz: Revista de Educação Física [online]. 2012, v. 18, n. 3 [Acessado 9 Novembro 2021], pp. 590-601. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000300019>>. Epub 23 Out 2012. ISSN 1980-6574.

UNGERI, B. O. et al.. **Educação física, gênero e mercado de trabalho**: percepções de mulheres sobre a futura área de atuação profissional. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 20, n. Trab. educ. saúde, 2022 20, 2022.

VASCONCELOS, N. A. de; SUDO, I.; SUDO, N.. **Um peso na alma**: o corpo gordo e a mídia. **Rev. Mal-Estar e Subj.**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 65-93, mar. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 nov. 2021.

VAZ, P. **Na distância do preconceituoso**: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea. *Galáxia* (São Paulo, Online) n. 28, p. 32-44, dez. 2014.

WARD, S. (1996). **Filling the World with Self-Esteem**: A Social History of Truth-Making. *The Canadian Journal of Sociology / Cahiers Canadiens de Sociologie*, 21(1), 1-23.
<https://doi.org/10.2307/3341430>

WDOWIK, Melissa. The long, strange history of dieting fads. **The Conversation**, 2017. Disponível em: <https://theconversation.com/the-long-strange-history-of-dieting-fads-82294>. Acesso em: 26 de fev, 2023

WOLF, N. O. **Como as Imagens de Beleza são usadas contra as Mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANEXO A – ROTEIRO GRUPO FOCAL

Inicialmente, agradecemos a participação em nossa pesquisa. Com base nas informações dispostas no TCLE que lhe foi apresentado, pergunto se existe alguma dúvida em relação à pesquisa. Em caso positivo, serão prestadas todas as informações necessárias para a posterior continuidade do encontro. A partir do alinhamento entre pesquisador e voluntárias, será iniciado o Grupo Focal, tendo como pano de fundo as seguintes questões norteadoras:

QUESTÕES

1. O que vocês entendem por gordofobia?

2. Entendendo o conceito de gordofobia, vocês acreditam ter passado por essas situações dentro da escola?

Possíveis colocações:

a) Algum professor já reforçou essas ações?

3. Acreditam que essas vivências tenham impactado sua vida de alguma forma?

Possíveis colocações:

a) Vocês já deixaram de praticar alguma atividade, exercício ou esportes coletivos por causa disso?

4. Na infância ou adolescência vocês se sentiram pressionados a emagrecer?

5. Vocês já foram descredibilizados por causa do seu peso/corpo?

Possíveis colocações:

a) Já duvidaram de sua capacidade por causa do seu peso/corpo?

6. Como futuros profissionais da Educação Física, vocês acreditam que essas vivências influenciarão em suas atuações?

Possíveis colocações:

- a) Se você presenciasse algum dos seus alunos passando por isso, qual seria sua reação? Interviria?
- 7. De acordo com suas experiências, comentem sobre a possibilidade de ser gordo e saudável.**
- 8. Como vocês percebem a visão dos alunos e profissionais que os rodeiam, acerca de pessoas obesas?**
- 9. Muitas vezes, a luta contra a gordofobia não é levada a sério como outras, comentem sobre.**
- 10. Vocês acreditam que possamos combater a gordofobia na Educação Física?**

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar de um estudo desenvolvido pela Escola de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto, intitulado “Gordofobia na educação física escolar: discutindo a formação de futuros professores a partir de experiências progressas”. O trabalho, desenvolvido pela discente Larissa Sepúlveda Rocha Gontijo, sob coordenação do Prof. Bruno Ocelli Ungheri, tem como objetivo analisar os possíveis impactos psicológicos e sociais de discriminações gordofóbicas vivenciadas no passado, durante as aulas de educação física escolar, por atuais graduandos dos cursos de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP.

Para isso estamos convidando a participarem, alunos de Educação Física que estejam matriculados em qualquer período. Caso tenha interesse em contribuir, você será convidado a participar de um grupo focal, que será gravado, transcrito e analisado em relação ao conteúdo. As entrevistas ocorrerão em grupos, nas dependências da Escola de Educação Física da UFOP, sempre de acordo com a disponibilidade dos participantes. Como responsáveis pela pesquisa, nos comprometemos a garantir o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento das informações, que somente serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa. Para tanto, os dados coletados serão mantidos no Laboratório de Pesquisa Lazer, Gestão e Política (LAGEP) da UFOP, por um período de 5 anos.

Todas as despesas relacionadas ao estudo serão de responsabilidade do pesquisador, não havendo qualquer forma de remuneração financeira para os participantes da pesquisa. Por se pautar pelo compromisso social e por ter destinação sócio-humanitária, espera-se que a pesquisa aponte benefícios diretos e indiretos para toda a sociedade, sobretudo por estimular reflexões sobre um preconceito, muitas vezes, pouco abordado, e principalmente por ligá-lo à formação de futuros professores de educação física, ambiente que deve ter por objetivo estimular a realização de exercícios físicos e permitir a compreensão de sua importância para o bem-estar, tanto físico quanto mental, de crianças e jovens, dessa forma, impactando diretamente seu desenvolvimento e formação.

Os riscos para sua participação no estudo são mínimos, mas destaca-se que as questões a serem abordadas poderão tratar situações do cotidiano pessoal e profissional, que podem gerar situações indesejáveis como constrangimento, desconforto, perturbação e intimidação. Todavia, como medidas profiláticas à possibilidade de materialização das referidas ocorrências, preconiza-se a preservação sigilosa da identidade das participantes, o esclarecimento pormenorizado dos objetivos da pesquisa, a participação livre e voluntária dos convidados, bem como a liberdade para abandonarem/desistirem do projeto se assim desejarem. Por fim, ressalta-se o compromisso em tratar fidedignamente as informações oferecidas, respeitando integralmente a originalidade dos dados. Assumimos a responsabilidade em prestar assistência integral aos participantes da pesquisa caso possíveis danos ocorram. Assegura-se total liberdade aos participantes da pesquisa convidados, que poderão se recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas. Serão adotados todos os cuidados possíveis para minimizar os riscos da pesquisa, garantindo o cumprimento das disposições estabelecidas neste documento e nas Resoluções CNS nº466 e nº510. Para tal, reiteramos que cada participante da pesquisa convidado receberá uma via do TCLE devidamente

assinada pelo pesquisador e terá sua autonomia respeitada.

Cumpra disponibilizar o endereço da Escola de Educação Física, a título de referência para qualquer contato que se faça necessário: Rua Dois, 110, Campus Universitário, Ginásio de Esportes, Morro do Cruzeiro, Ouro Preto / MG, (31) 3559-1518. Informa-se, ainda, os endereços físicos e digitais do Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP, que tem por objetivo resguardar os participantes da pesquisa. Centro de Convergência, Campus Universitário, telefone (31) 3559-1368. Email: cep.propp@ufop.edu.br. Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e concorda em ser participante da pesquisa, favor assinar o protocolo abaixo dando o seu consentimento formal. Desde já, agradecemos a compreensão e voluntariedade.

Prof. Dr. Bruno Ocelli Ungheri
Coordenador da pesquisa

Larissa Sepúlveda Rocha Gontijo
Assistente de Pesquisa

Ouro Preto, _____ de _____ de 2023.